

EXCERTOS

General DAUDIGNAC — As realidades do combate. Fraquezas, heroísmo, pânicos. Tradução — Cel. R. B. NUNES, da Reserva de 1ª classe.

(Continuação).

A questão dos fogos — Examinemos agora, do ponto de vista do tiro, êsse sêr emocionado, para não dizer outra coisa; êsse homem de carne e osso, compelido a atirar num inimigo que atira nêle.

Haveis de convir que o homem no campo de batalha não se parece, em nada, com o homem que atira ao alvo em tempo de paz.

Quando as balas sibilam ou estalam em seu derredor, quando os obuses rebentam com estridor, quando a morte está em tôda a parte, visível, tangível, apodera-se de todo o seu sêr uma profunda perturbação, o animal alteia a voz e protesta, o soldado sente-se diminuído a contragosto.

As perturbações psico-fisiológicas que nêle se operam, em presença do perigo, traduz-se, já dissemos, habitualmente sob a forma abatimento ou sob a forma agitação.

Se quiserdes algumas indicações mais precisas sôbre os efeitos do mêdo do ponto de vista fisiológico, acrescentarei que há:

1º — Enevarmento dos músculos da vontade, tremura, cessação dos movimentos que se tornam, depois desordenados e febrís;

2º — Suspensão da respiração, opressão, contração da garganta, do que resultam oscilações involuntárias; o homem não é mais senhor de seu organismo;

3º — Há, enfim, constrição espasmódica dos vasos, palidez, afluxo de sangue ao coração, dilatação das pupilas, etc.

Que resulta disso?

Modificando-se a irrigação das células cerebrais, as faculdades intelectuais do homem são atingidas, a associação de idéias não se processa mais, o poder de julgar e de fixar a atenção diminui; a dilatação da pupila não lhe permite mais ver a alça, ou a vê confusamente; visa com a massa de mira e até com o cano, sem perceber.

Em resumo, o homem, dominado pela comoção atira com precipitação no campo de batalha, não utiliza a alça, visa com a extremidade do cano, e até aperta o gatilho antes de ter visado.

Se a comoção se intensifica, sob a ação do instinto de conservação de que se torna escravo, atira não importa aonde e até sem apoiar a arma ao ombro, como o "gefreite" Arnold; suas balas perdem-se no espaço ou a alguns passos dêle; atira sejam quais forem as ordens de seus chefes, aos quais não vê nem ouve mais; atira ainda que não haja inimigos em sua frente, e até nos camaradas que estiverem diante dêle.

Eis o tiro de guerra.

Esboçamos um quadro assaz empolgante, talvez um tanto exagerado, a fim de fazer ressaltarem com nitidez os caracteres dêsse tiro. Mas, não o esqueçamos, êles se apresentam a todos, no campo de batalha, em qualquer grau, e ninguém está completamente isento dêles. Os testemunhos que se seguem, emanam de chefes autorizados.

"... Devo, diz o general Trochu, a observações e a experiências longamente adquiridas, poder convencer-me de que as tropas em linha, submetidas à emoção do combate, não atiram com justeza, seja qual fôr o grau de preparação que se julgue terem alcançado. Atiram adiante de si, e muitos homens apenas levam a arma ao ombro."

"O perigo de ser atingido por tiros de fuzil, escreve o príncipe Carlos (o de 1870), não é grande sinão a distâncias médias, nas distâncias menores, em lugar de aumentar, o perigo

diminui à medida que se vai chegando mais perto do inimigo, e acaba por cessar quase inteiramente.

“A coisa se explica, naturalmente: quanto mais o inimigo se aproxima, mais pressa se tem de atirar, e mais se visa com imperfeição. Tão logo se apoia o fuzil ao ombro, o tiro parte, quase sempre muito alto.” (*Arte de combater no exército francês*)

“... O atirador, diz o coronel Ardant du Picq, que conservou um pouco de sangue frio, bem deseja ajustar o tiro; mas a agitação do sangue, do sistema nervoso, se opõem à imobilidade da arma que tem em mãos; ainda que apoiada, a arma participa sempre da agitação do homem. Este tem, ademais, a pressa instintiva de disparar o tiro que pode deter a bala que lhe é destinada, antes de partir, é, por pouco que o fogo seja intenso, esta espécie de raciocínio vago, se bem que não formulado no espírito do soldado, domina com toda a força, entrega ao império do instinto de conservação até os mais bravos, os mais sólidos, que atiram, então, maquinalmente, e a maioria atira sem apoiar sequer, a arma ao ombro.”

Estas leis, tão velhas quanto o fuzil, explicam por que os sargentos da guarda francesa, em Fontenoy, tinham a missão de utilizar suas compridas bengalas para abaixar os fuzis dos atiradores.

“Com a graça de Deus, dizia Cromwell a seus soldados, e visai os cordões dos sapatos.”

Ouçamos ainda o general Libermann:

“... Somente as anturezas de escol conservam, em meio ao combate, a plenitude de suas faculdades; infelizmente, elas são raras.

“Mais do que outrora, é de temer-se, hoje, o enervamento e a perturbação dos sentidos que se apodera da massa dos combatentes.

“Admitindo-se que, mediante uma disciplina vigorosa, educação perfeita, pelo estímulo e o patriotismo, se consiga manter o soldado no combate, fazê-lo avançar e transformá-lo até num herói, não será menos impossível, com isto, dominar-

lhe os sentidos e garantir-lhe a calma necessária para ajustar um tiro de fuzil.

Os homens, durante a luta, servem-se do fuzil como o animal de suas defesas naturais, com precipitação ou com frenesi, mas sempre com os nervos mais ou menos convulsionados."

E conclui: "É preciso não contar com o tiro ajustado no campo de batalha."

Citemos, enfim, um fato que revela quanto são poucos os combatentes que conservam o sangue frio; trata-se do tempo em que os fuzis se carregavam pela bôca.

O relatório oficial do combate de Guettysburgo, em 1864 (guerra de Secessão americana, vitória do partido Sulista), refere o seguinte:

"... Em 22 mil fuzis carregados, encontrados no campo de batalha, sômente 6 mil continham apenas um cartucho; 12 mil tinham dois cartuchos superpostos; no último quarto, encontraram-se cargas triplas, quádruplas e até sextuplas; num fuzil havia 22 balas entremeadas de cargas de pólvora."

Estas perturbações psico-fisiológicas do homem explicam de maneira bastante nítida a diferença entre os resultados obtidos nos polígnos e os do campo de batalha. Quem não se surpreendeu, com efeito, do pequeno número de homens feridos por bala, comparado com a quantidade enorme de munições consumidas num combate?

As leis estabelecidas por meio das experiências feitas nos polígnos, vê-se, não são mais aplicáveis à guerra; não são mais verdadeiras nesse momento.

A eficácia do tiro não depende da alça mais ou menos exata determinada por quem comanda, nem de sua habilidade técnica em deslocar os agrupamentos. A eficácia, no combate, depende, antes de tudo, do estado d'alma dos atiradores.

Que não se venha falar, debaixo do fogo inimigo, em fogos de regulação e fogos de salva.

Tôda esta ciência complicada, de alças conjugadas, de regulações, de telêmetros, de percentagens prováveis, nenhuma aplicação encontra na guerra, a não ser em circunstancias extre-

mamente raras em que o homem não corra o menor perigo, ou não sinta a menor comoção, admitindo-se que isto seja possível, mesmo quando êle sabe, por exemplo, que, combatendo contra selvagens, a superioridade de suas armas lhe garante um triunfo fácil.

A eficácia do tiro, em tempo de guerra, assenta, acima de tudo, no moral do combatente.

Não se deve concluir de tudo isto que pregamos a supressão da instrução de tiro; será sempre útil, em campanha, dispor de alguns bons atiradores que conservem o sangue frio, e ter chefes capazes de dirigir o fogo e de obter do instrumento homem, quando não estiver desorientado pela emoção, um rendimento apreciável; será sempre indispensável dispor de homens exercitados.

Pensamos, com efeito, que ao lado do fator moral, sem dúvida preponderante, há outro fator que pode exercer influência considerável sobre a eficácia do fogo no combate: é a instrução prática do atirador.

A instrução do atirador é susceptível de reforçar a ação moral do homem no campo de batalha e até de supri-la numa certa medida.

Em consequência da educação dos músculos, da coordenação adquirida de suas contrações, da rapidez crescente das transmissões nervosas, o esforço a produzir para atirar fica sensivelmente reduzido.

O homem, desde que a comoção não lhe prive senão de uma parte de seus meios, pode ainda visar, pouco mais ou menos, e utilizar as possibilidades físicas que lhe restam para obter resultados aproximados, isto é, produzir um efeito útil.

Se a instrução prática que recebeu foi levada até ao automatismo, a emoção poderá tornar-se-lhe intensa; a pupila, dilatada, poderá impedi-lo de ver nitidamente a alça; poderá tornar-se incapaz de raciocinar seus atos precipitará os tiros, atirá, talvez, sem conta, mas seus braços, guiados pelo hábito, continuarão apesar de tudo a agir com a regularidade do tempo de paz; a arma se colocará instintivamente na direção do ini-

migo, a extremidade do cano não se levantará; leva a arma ao ombro, visa e atira inconscientemente; será ainda um atirador respeitável.

A instrução prática levada assim a um alto grau, tem, além do mais, excelente influência moral sobre o atirador.

O homem seguro de sua destreza no tiro chega ao campo de batalha confiante em si mesmo, engrandecido pela consciência de sua força e é mais difficilmente desmoralizável.

É preciso fazer do soldado um atirador de precisão a fim de infundir-lhe confiança absoluta em sua arma; é mister, ao mesmo tempo, torná-lo um atirador de companhia.

Papel do comandante de pelotão — Eis aí quanto ao homem; agora, algumas palavras ao comandante de um fração.

A eficácia do tiro não depende unicamente do fim que se quer alcançar, do objetivo que se quer bater, da instrução dos atiradores e do alcance da arma; depende, além disso, da possibilidade de obter resultados úteis. Ora, esta possibilidade, inteiramente subordinada à energia moral de que os homens possam ser capazes, muda tudo.

Não é bastante, a um comandante de pelotão, conhecer seu officio: é também necessário que seja um psicólogo. Deve saber ler a fisionomia de seus homens a soma de calma de que são capazes, e o esforço de precisão que lhes pode pedir.

Dessas observações decorre sua maneira de proceder.

O papel do comandante de fração, do ponto de vista profissional, é certamente muito importante; do ponto de vista moral, é imenso.

A começar do momento em que o gélido deus — o Medo — penetra a medula dos ossos, quando a carne treme e cada qual se sente defronte da morte, o official tem cousa melhor que fazer do que verificar alças ou deslocar agrupamentos; sua missão é mais elevada.

A alguns passos à retaguarda de seus homens, que abrigou o mais possível, ajoelhado ou de pé, se fôr preciso, deve dominá-los com sua bravura calma; vigia-os e, com palavras bené-

volas, um gracejo lançado com oportunidade, reergue a energia daqueles que a emoção do perigo atormenta.

Auxilia-os nessa luta que travam consigo mesmos; toma sobre eles o ascendente moral que os grandes caractéres obtêm sempre nas crises decisivas, mantêm-nos na mão, fâ-os atirarem lentamente e impede que as armas se levantem.

Sua superioridade moral lhe confere o ascendente que lhe facultará regular e dirigir o fogo de seus homens; sua energia de caráter criará a disciplina e a eficácia do fogo.



Dirigindo-me a oficiais convencidos da grandeza de sua missão, para mostrar-lhes que é preciso contar com as fraquezas humanas, pretendi fazer-lhes compreender as dificuldades da direção das tropas no combate, a fim de inspirar-lhes o desejo de empenhar todos os esforços para sobrepujá-las.

Depois de ter ouvido chefes experientes, deveis convencer-vos de algumas verdades muitas vezes conservadas na sombra, e que resumirei sem rodeios nem subterfúgios.

Sabei, portanto:

Que o homem não gosta de ir ao encontro da morte;

Que o soldado nem sempre é bravo;

Que os homens não vos seguirão sempre;

Que só raramente conseguis fogos ajustados;

Que os homens atirarão, frequentemente, a despeito de vossa vontade.

Levai em conta tôdas estas fraquezas; elas não vos impedirão de ir ao combate com plena confiança se vos esforçastes, com pertinácia, por elevar o moral do soldado, por preparar-lhe o coração e o espírito ao mesmo tempo que os braços e as pernas.

Quem se dedica a seus homens capta-lhes a confiança que nasce do afeto e do interêsse por eles percebidos, da superioridade intelectual e moral revelados e dos exemplos que lhes são dados.

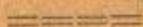
E vereis, então, o quanto vale em campanha o soldado que estima seu chefe e nêle confia.

Sentireis seus olhares fixados sôbre vós, consultando-vos o que é preciso fazer, sobretudo nos momentos difíceis, e, muito embora nesses momentos fale a besta humana, e o instinto de conservação o angustie, a massa há de seguir-vos se tiverdes sabido inculcar-lhe a vontade de cumprir com seu dever.

Há no soldado francês um amor-próprio imenso ligado a um devotamento absoluto por quem sabe conquistá-lo. Utilizai judiciosamente êsses sentimentos, e a tropa marchará apesar da emoção.

Questão de educação, logo, questão de quadros.

Chefes prontos a perecerem com honra, imporão a seus soldados o ânimo do sacrificio.



Heroismos — Se no combate existem fraquezas, há também heroismos.

Os atos de bravura não são raros em nosso exército; citam-se com prazer e certamente tereis lido a vossos soldados muitas narrativas em que o heroismo dos antepassados resplandece.

Existem atos de heroismo individual, como os há coletivos: tropas inteiras, empolgadas de uma bravura louca, têm efetuado cousas espantosas e lutado, até ao fim, em circunstâncias difíceis em que muitas outras teriam cedido ante a superioridade das forças inimigas.

Dentre os mais admiráveis feitos de bravura coletiva, citaremos o combate de Diernstein (novembro de 1805¹, em que as tropas do corpo Mortier, completamente cercadas pelos russos, abriram bravamente uma passagem através das fileiras inimigas.

Lembrarei apenas um dois mais belos: o combate de Sidi-Brahim (1845), em que o 8^o batalhão de caçadores lutou até seu último homem.

Falamos bastante dos peltrões; vamos ter o prazer de narrar pormenorizadamente o combate de Fère-Champenoise (março de 1814) em que o heroísmo de uma tropa de soldados franceses se alçou às raias do sublime.

Combate de Fère-Champenoise (24 de março de 1814).

Nesse dia, duas pequenas divisões de infantaria (Pacthod e Amey), depois de terem pernoitado em Sezannes, procuravam reunir-se a outro corpo francês, para os lados de Etoges.

Havia um efetivo total de 4.300 homens, e, excetuado um pequeno batalhão do 54º de linha, todos eram guardas nacionais e conscritos apenas exercitados, aos quais chamaram de Marias-Luizas, enquadrados, é verdade, por velhos soldados de Napoleão, que regressavam da Alemanha.

Durante a marcha, receberam ordem de se encaminharem para Fère-Champenoise, e, como a cavalaria russa acabasse de aparecer e se preparava para atacá-los, as tropas formaram quadrados; o primeiro ataque foi repellido, e a marcha continuou em seis quadrados.

Os quadrados marchavam dispostos em ordem oblíqua, de maneira a cruzar fogos à frente de tôdas as faces e, sempre fustigados pela cavalaria inimiga, apoiada por baterias a cavalo, continuam a retirada no meio de turbilhões de cavalaria.

Havia já quatro horas que marchavam assim, sob a metralha, e sofrendo cargas da cavalaria inimiga de quarto em quarto de hora, sem que nenhum quadrado se houvesse desmantelado. Os generais franceses, mais surpreendidos que os próprios russos, pela intrepidez desses soldados de tamancos e chapéus redondos, esperavam ainda chegar a Fère-Champenoise.

Ao avistarem as elevações que dominam esta cidade, perceberam que numerosas tropas as ocupavam.

Julgou-se ter alcançado o corpo de Marmont, mas a ilusão durou pouco; uma formidável descarga de artilharia, que lhes abre claros nas fileiras, anuncia-lhes que se acham em presença de novo inimigo.

A retirada para Fère-Champenoise tornára-se impossível; Pachtod decide alcançar os pântanos de Saint-Gond; se conseguir chegar lá, poderá desafiar todos os ataques da cavalaria.

Os franceses já não formam senão quatro quadrados; três dos seis quadrados, reduzidos a um insignificante número de baionetas, tiham-se fundido num só.

Puzeram-se estoicamente em marcha na nova direção; ainda uma vez, vararam a massa dos cavalos.

Mas, esta massa engrossava a cada passo; no fim, já lá estavam 20 mil cavaleiros inimigos; os franceses já não eram mais de 3 mil.

Marcharam ainda seis quilômetros debaixo dessa tempestade de cavalarianos. O inimigo só interrompia as cargas para permitir que as baterias metralhassem os intrépidos batalhões. Após cada saraivada, os infantes cerravam as fileiras e recebiam os cavaleiros a tiros de fuzil e pontacos de baioneta. Repelida a carga, reencetavam a marcha.

Demolidos pelos obuses, só um quadrado foi destroçado.

Os três quadrados restantes iam atingir os pântanos de Sant-Gond, quando um regimento de couraceiros e as baterias que os haviam ultrapassado com facilidade, os immobilizaram inteiramente com o fogo de 48 canhões.

Propuseram-lhes que se rendessem, mas os soldados, exasperados, ébrios de pólvora, de ruído e de sangue, accitaram magnânimamente o próprio destino e só pensaram em matar ou morrer. Negaram-se a dar ou receber quartel.

A luta recomeçou, selvagem e desesperada. Os soldados não queriam render-se, mas Pachtod julgou que, depois de uma resistência tão longa e tão valorosa, seu dever de chefe lhe impunha poupar o restante de seus homens. Pediu que a artilharia cessasse de atirar e entregou a espada.

Pouco depois, o quadrado do general Delort, metralhado por várias faces, e tendo esgotado todos os cartuchos, abateu as armas.

O último quadrado resistia ainda. Nova saraivada de obuses abriu enorme brecha naquelas muralhas vivas; a cava-

laria penetrou por ela, sabreando os soldados desunidos, que se defendiam corpo a corpo, procurando abrir passagem para os pântanos de Saint-Gond.

Daqueles 4.300 homens que haviam marchado sete léguas combatendo contra 5.000, e depois contra 10.000, e finalmente com 20.000 cavalarianos apoiados por uma artilharia formidável, 500 tinham conseguido alcançar os pântanos; 1.500 homens e numerosos feridos se tinham entregado depois de desesperada resistência; mais de 2.000 juncaram o campo de batalha.

Não havia ninguém, diz o general Debort em seu relatório, que não tivesse ido além do que a honra prescrevia, mas não encontro expressão para render homenagem aos guardas nacionais e aos conscritos.

O epíteto de bravos e de heróis não é bastante forte e enérgico para dar a idéia precisa de seu procedimento.

Eis, senhores, o que podem fazer, o que fizeram conscritos bem enquadrados.

Honra aos Marias-Luizas!

APÊNDICE I — *Do medo* (extraído dos Preconceitos Militares, por um oficial prussiano, o príncipe de Ligne). — ... De todos os animais, o homem é o mais medroso.

... Quanta gente brava, pelo que se diz, não treme ao encontrar-se sózinho num bosque, em noite de tempestade? O próprio vento não impede de dormir? Muitos vi, aos quais o mugido das vagas do oceano dava à fisionomia êsse ar de espanto que vem da privação dos sentidos, êsse ar, enfim, que um bateria de canhões muitas vezes imprime.

... O medo do outro mundo, que nos ensinam o mais cedo possível, nos faz senti-lo ainda mais frequentemente neste, nos momentos em que somente a voz da honra devia ser ouvida.

Assim sendo, cumpre saber prezar os que marcharam na trilha dos heróis e muitas vezes os que gozavam dessa reputação.

Se se estudam as fisionomias antes da batalha, fica-se sabendo o que se deve fazer; uma cousa bastante singular que

sempre vi acontecer é que, no alto destinado ordinariamente a pôr em ordem os regimentos, fazê-los repousar e dar-lhes as últimas instruções, manifesta-se uma grande quantidade de necessidades, na maior parte de suas linhas.

A absolvição geral que se lhes dá em seguida, não os fortalece contra as fraquezas da natureza. A ordem distribuída na véspera não contribui mais para serená-los; quase sempre era concebida nestes termos:

“Amanhã nos poremos em marcha com a graça de Deus; tomaremos as armas aos três primeiros tiros do canhão de alarma; os cirurgiões se acharão no centro, os capelães à esquerda e as carretas para o transporte de feridos, à direita.”

Quão diferente era a maneira do grande homem cuja ordem encontramos no bolso dos oficiais mortos em Collin, e que dizia:

“Amanhã bateremos o inimigo; depois de amanhã marcharemos para Viena.”

Não sei se será por não sabermos inspirar o valor que imperava outrora nos exércitos de Roma e de Cartago; mas o que é certo é que a metade dos que vi morria de medo antes de começar, e a metade restante não estava absolutamente tranquila, não tinha ares de segurança; há que dividi-la em diferentes classes.

Na primeira, os bravos por temperamento; é a minoria, mas é a mais segura. Na segunda, os bravos por reflexão; têm mais mérito, mas são duvidosos.

Na terceira, os interesseiros; são os menos interessantes, porque é para conservar os cargos que ocupam, e para conseguir novos, que afrontam a morte.

Pode-se até subdividir esta classe em duas partes: os ambiciosos assaz resolutos, têm um fundo de honra que os torna capazes de empreender tudo. Avaliaram a vantagem e o perigo, e se atiram com bastante firmeza para conservarem o sangue frio que caracteriza, a mais bela das bravuras.

A menor subdivisão desta classe assemelha-se tanto às pessoas que se deixam simplesmente levar, que muito pouco

serviço presta durante o combate. Têm tanta má vontade, mal-dizem tanto, têm idéias tão embrulhadas, auxiliam-se tão pouco mostram caras tão desanimadas, empunham tão mal a espada, que os reconhecemos facilmente. Aconselharia ao general comandante que os fizesse vigiar a fim de dar outro caráter à tarefa que lhes cabe executar.

Num dia de batalha, um ar bem disposto, um cavalo soberbo, uma escolta magnífica, os apuros como para uma festa, se houver tempo, tudo isto é notado pelo soldado e lhe inspira prazer e confiança naquele que o conduz jovial e brilhantemente à morte ou à vitória.



APÊNDICE II — *Os que procuram esquivar-se.* (Extraído de uma brochura sobre *A Justiça militar em tempo de guerra*, do ten. cel. Senault — 1881.)

O coronel cita o seguinte trecho da carta que lhe enviou o capitão da reserva J. Parent:

"... Eu era segundo sargento do 4.^o de caçadores da África e partia com um destacamento de meu regimento, que ia de Monstaganem para Arzeu, a fim de embarcar para a Criméa.

"Durante a marcha, um caçador para numa macéga, apôia, espalha na areia a cevada que se destinava a seu cavalo, e sapateia sobre ela afim de fazê-la desaparecer. Não via que eu lhe observava os movimentos. Chego a galope. Verifico o fato. Como punir êsse miserável? Apodero-me do açúcar, do café, do biscouto e do fumo, e lanço tudo ao chão, para fazer companhia à ração do cavalo.

"Na Itália, num bivaque, um cavalo está com o bernal no focinho, mas não come; apalpo, e encontro terra e pedras em vez do milho que distribuíam para substituir a avêia...

"Durante a marcha, um cavalo, à fôrça de escoucear e empinar, desloca a sela; ordeno ao cavaleiro que apêie e retire a sela. Mando-lhe que desdobre a manta e verifico a pre-

sença de uma pedra angulosa colocada nas dobras da manta, com o fim de ferir o cavallo para que seu dono fôsse enviado para a retaguarda.

“Não falo dêsses salafrários pusilânimes que cravam um corpo estranho no pé de sua montada quando se trata de uma operação no dia seguinte; dos que lhe dão ponta-pés brutais no ventre; dos que, no bebedouro, impedem que o cavallo beba, ou que, depois de longa caminhada, se apressam em dessellar o cavallo e dar-lhe agua quando ainda alagado em suor, negando a êste bravo companheiro os mais recomedáveis cuidados, para que adoeça, e possa, assim, seu cavaleiro escapar-se para o comboio.

“São todos fatos criminosos, cuja repressãe, que eu saiba, não é considerada por nenhum código de justiça militar.”



APÊNDICE III — *Estado moral do combatente.* (Extraído do *Estudo da Tática*, a propósito da guerra de 1866; brochura traduzida do alemão, em 1869, pelo tenente Fureí-Raynaud.)

... Supor que nossos soldados sejam todos bravos, porque descendem de uma raça de heróis, seria um êrro.

Se pudéssemos admitir que os soldados cumprissem seu dever unicamente por prazer, no campo de batalha, ter-se-ia um exército invencível, ao qual se tornaria inútil o ensino da tática.

Mas o homem é um composto de instinto de conservação, de egoísmo, de inércia, de paixões e de todos os germens susceptíveis de gerarem as qualidades morais.

Sòmente uma educação moral poderá desenvolver êsses germens.

Quando a consciência foi desenvolvida desta maneira no homem, não sòmente êle sabe, como comprehende e sente, que em opposição aos apêlos dos sentidos há fôrças morais mais elevadas, às quais é preciso sacrificar de maneira absoluta a totalidade de seus instintos, e até a própria vida.

E' verdade que para chegar até lá é necessário lutar. Que homem poderá afirmar que encara a morte com olhos indiferentes, embora o ardor do combate não o leve a desprezar o perigo, e sim a esquecê-lo?

Quanto menos desenvolvida fôr esta fôrça moral, mais predominante scrá o instinto dos sentidos.

Para o homem do povo, habituado a trabalhos penosos ou arriscados, os instintos são antes adormecidos pelo hábito, do que realmente vencidos. Desdenha o perigo ao qual se habituou; aterroriza-se com o que desconhece.

A grande massa dos soldados marcha para o fogo sem hesitação, porque seu bom senso natural lhes diz que é preciso ir, e que hesitar é vergonhoso. Se não vão de bom grado, pelo menos aceitam de boamente o mau jôgo. A fôrça da razão faz o resto; se ela não se acha plenamente desenvolvida, existe, ao menos, em germen, em cada qual.

Enquanto sabe que os chefes os têm sob as vistas, o soldado sente instintivamente o efeito da fôrça moral à qual se submete voluntariamente.

E', entretanto, precisamente no momento em que o perigo e a morte se aproximam que se rompe, instantâneamente, o equilíbrio moral: o chefe lança o olhar para a frente, para o inimigo; a tropa corre ao encontro das balas que sibilam em seu derredor; o homem vê a morte diante de si e, a seu lado, um fôssco assaz cômodo; é como a tentação do roubo: atira-se nêle apressadamente.

A companhia, dentro em pouco, está longe; os primeiros que chegam após êle tomam-no por um ferido. Então, se levanta: é um desaparecido. Ninguém pensa em interrogá-lo; os únicos que têm o direito de fazê-lo estão na frente. Por vezes, então, vai procurar tornar-se útil num lugar menos exposto; por outras, contenta-se com perambular; a ocasião faz o ladrão.

O que acabamos de dizer não é raro, e se reproduz de cem maneiras diferentes. E', geralmente, porque os homens

desaparecem assim, que muitas companhias se rarefazem ao fogo com rapidez surpreendente.

No dia seguinte, à hora do café, todos reencontram suas companhias com um instinto notável.

O mesmo homem que, vigiado, se teria conduzido bem, procede mal quando perdido de vista.

E sejamos francos, não é verdade que êsse fenômeno é de tal maneira geral entre os homens, que se reproduz em todos com as diferenças inerentes a cada natureza ?

O oficial que sente os olhos do chefe fitos nêle, opera prodígios. Que êste mesmo oficial esteja isolado, que seja abandonado a si mesmo, a superexcitação decai, todos os instintos físicos, tôdas as lutas morais readquirem o império, e êle não fará mais do que estrictamente aquilo que seu dever lhe impõe.

Do que precede, pode tirar-se esta conclusão: é que se faz mister vigiar as tropas. E' preciso, numa companhia, collocar um oficial em serra-fila, ao qual será interdito, por sua honra, ultrapassar seus homens a fim de colhêr louros. Será fácil, então, conduzir ao fogo a unidade inteira.



APENDICE V. — *Coragem e pusilanimidade.* — (Extraído das Recordações da guerra de 1870, do general Thoumas.)

... M. Corbon, que morreu senador, era prefeito da VII circunscrição de Paris desde 4 de setembro de 1870. Contou-me que no dia do combate de Châtillon, 19 de setembro, prenderam vários homens do 4.^o regimento de zuavos que, derrotados, tinham vindo até à rua de Grenelle; julgavam-se traídos e alegavam que não lhes haviam dado cartuchos; revisitáram-nos e cada um dêles tinha perto de cem.

Por singular contraste, a guerra gera no coração dos homens, ao mesmo tempo, os mais nobres sentimentos de abnegação, de devotamento, de confraternização a par das paixões

mais vis, a pusilanimidade, o egoísmo, o esquecimento completo do pudor diante do instinto de conservação.

Este contraste apresenta-se frequentemente nas guerras infelizes, com um povo impressionável, surpreendido pela derrota, com soldados improvisados que não sabem ainda o que é sentir-se ombro a ombro nas fileiras,

Certamente, a guerra de 1870-71 deu ensejo a atos de heroísmo individuais ou coletivos, mas a par disto, houve exemplos bem tristes de desencorajamento e falta de patriotismo.

... Quando o general Chanzy, depois dos combates travados em Vendôme e no Loir, veio instalar-se na frente de Mans, os regimentos foram enviados, cada um por sua vez, para as casernas desta cidade a fim de serem inspecionados e de receberem tudo quanto lhes faltasse.

Em consequência, ordenei a um capitão de artilharia, de minha inteira confiança, que fôsse a Mans com a missão de prover os soldados com o número regulamentar de cartuchos que lhes cabia.

Encaminhei, ao mesmo tempo, para aquêle ponto, um considerável aprovisionamento de munições.

Passados alguns dias, o capitão telegrafou-me dizendo ser inútil mandar-lhe novas remessas visto que os homens aos quais se havia feito a distribuição de cartuchos, apressavam-se, na sua maioria, em desembaraçar-se dêles atirando-os pelas escadas quando saíam do quartel.

Bastava ajuntar a munição e distribuí-la de novo, no dia seguinte, à tropa que substituísse a anterior; essa, procedia de igual maneira.

Os soldados que assim se conduziam, não tinham, evidentemente, grande desejo de combater.

O mesmo se dirá dos que quebravam a agulha do fuzil chassepot, amassando-a com a vareta, ou que lançavam fora a arma para alegarem estar desarmados; encontrou-se considerável quantidade de fuzis no fundo dos tanques e lagôas.

Entremettes, as tropas que enfrentavam o inimigo, sob as ordens de Chanzy, batiam-se heróicamente.

Não era a primeira vez que tal sucedia nos exércitos franceses.

Já em 1793, quando foi preciso bater em retirada ante o inimigo vencedor, no Norte, a Éste e na fronteira dos Pirineus, os fugitivos, tomados de pânico, chegaram em bandos ao interior do país, ao passo que as retaguardas, compostas de veteranos, de regimentos de linha, ou de alguns batalhões de voluntários devotados, aguentavam com bravura o choque do inimigo, retardando-lhe a marcha.

(Continúa)



Espadas que protegem
- precisam também
de Proteção!

Brasso
dá brilho
aos metais!



trec
brav
lind
que
sern
geog
post
pelo
de
vaga
lanc
com
Içã
os f
há
dêss
mito

tiva
pay
Jap
seus

acer
se-ã